

Jornada organizada pela Comissão Científica da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro em 27 de março de 2021

## As Pioneiras da Psicanálise no Brasil

Ronaldo Victor (Analista-Didata SPRJ – Prof. Adj. Psiquiatria UFF)

Começo dizendo que esta Jornada *online*, organizada pela Comissão Científica da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, na data de hoje, tem a face de fazer justiça histórica a uma mulher, Anna Katrin Kemper, que participou da fundação da SPRJ. Sociedade que influenciou, por sua vez, outras pelo Brasil. Também, enaltecer as demais mulheres que participaram igualmente como pioneiras na marcante e honrosa tarefa de institucionalização da Psicanálise no Brasil. Também homenageadas: Virginia Bicudo, Marialzira Perestrelo, Maria Manhães e Inaura Carneiro Leão.

A ata de fundação da SPRJ de 29 de setembro de 1955 registra como seus fundadores, ao lado de Anna Katrin Kemper, Fábio Leite Lobo, Gerson, Borsoi, Inaura Carneiro Leão Vetter, Luiz Guimarães Dahlheim, Noemy da Silveira Rudolfer e Werner Walter Kemper na categoria de Membros Fundadores Efetivos, e como Membros Fundadores Associados Celestino de Moura Prunes, João Marafelli Filho, Zenaira Aranha e Inês Besouchet.

Anna Katrin Kemper ou na forma abrigada Catarina Kemper, nasceu em 1905 em Ruhr (Alemanha) e morreu em 1978, aos 72 anos no Rio de Janeiro. Chegou em dezembro de 1948, aos 43 anos de idade, juntamente com sua família no Rio de Janeiro. Acompanhava seu marido, Werner Kemper que tinha a incumbência da IPA de fundar uma sociedade psicanalítica, e seus três filhos, Jochen Christian de 10 anos; Christian Mathias de 8 anos e Mathias Andreas de 5 anos de idade. Tornou-se uma das fundadoras da SPRJ em 1955, sendo em 1968 demissionária e excluída em 1971.

Excluída? Por quê? Porque não comprovou sua qualificação profissional, nem de psicóloga, nem de psicanalista, somente de grafóloga. Embora, a prática da psicanálise por leigos, sob delegação médica, no Brasil, fosse oficialmente reconhecida em 1956. Porém, houve inúmeras controvérsias a respeito de sua titulação de “psicóloga profissional” dado por um registro de Berlim de 1945, porque o comprovante apesar de ter matrícula da Universidade de Berlim de 1946, era o de segundo grau do ensino. Isso provocou dúvidas no grupo do Rio de Janeiro. Universidade de Berlim situava-se na “zona de ocupação soviética” que despertava dúvidas da autenticidade etc.

Nesta síntese histórica, destaco algo que me parece importante para o objetivo desta apresentação. Dona Catarina Kemper possuía “versatilidade espiritual literária e interesses artísticos”, conforme suas referências em uma ficha de admissão para o Instituto de Psicoterapia de Berlim em 1948. Iniciou formação de “grafóloga científica” em 1936, ligando-se à Associação dos Grafólogos Científicos de Berlim. Trabalhou como grafóloga na Policlínica do Instituto de Pesquisa Psicológica e de Psicoterapia de Berlim a partir de 1941, com a função de avaliar pacientes para tratamento psicoterápico e candidatos à formação de psicoterapeutas no setor de formação do Instituto. Além de constar em seu “questionário de desnazificação” de 1946, a de “estudante de Filosofia”.

Em sua bagagem para o Rio de Janeiro, trouxe declaração do chefe do Instituto Central de Doenças Psicogênicas de Berlim, Henrick Schultz-Henke, como possuindo “qualificação para realizar análise”; tendo completado o quinto semestre da “formação completa de psicanalista” e primeiras supervisões. Porém, tudo isso foi contestado pelo mesmo grupo. Catarina Kemper fez análise pessoal com a psicanalista Margarete Seiff de Berlim, em 1943. Importante dizer que com a vinda para o Rio de Janeiro, em 1948, obstinadamente se empenhou para trabalhar como psicanalista no Brasil.

Começou em setembro de 1951, no Centro de Educação de Crianças e Jovens, cuja diretora era Noemy Rudolfer que fazia análise com Kemper. A sua função era de “pesquisa de estrutura da personalidade, anamnese geral e específica, estudos dos desvios de personalidade”.

Antes de prosseguir, gostaria de destacar uma das fontes desta minha apresentação: o texto de Hans Füchtner, resgatado no [www.psychanalyse.lu](http://www.psychanalyse.lu), com o título “Uma carreira de psicanalista atípica e contrária às normas: O caso Katrin Kemper”. Porque o material exposto traduz um ponto de vista histórico, como um paradoxo da instituição psicanalítica, enquanto excluída da SPRJ, por falta de qualificação profissional e, ao mesmo tempo, reconhecida por setores de formação psicanalítica no Rio de Janeiro, fora do contexto IPA, assim, homenageada por instituições em vida e por psicanalistas.

Entre inúmeras considerações, uma que se dirigirá a personalidade é de pessoa diferenciada no contexto da época. Referida pelos seus contemporâneos, como sendo de sensibilidade efusiva e afetiva, com grande participação no meio social. Participação ampla tendo tido inclusive, episódios criticáveis por seus pares, logo no início da fundação do Centro de Estudos de Psicanálise. Mas, o que se sobrepõe na história, que se o foco do exame apontar para o lado de sua personalidade ou para o lado da inserção institucional, revelará um ser inquieto.

Durante alguns anos na década 50, na SPRJ, Catarina Kemper organizou seminários, atendia grupos de trabalho com mães e grupos com pais de crianças com dificuldades na educação. Fez ainda nesses anos, uma inusitada e bem-sucedida experiência com psicoterapia de grupo com vários casais ao mesmo tempo. Em sua atividade na SPRJ, conforme levantamento de Nádia Sério, realizou trabalho de 12 análises didáticas e 18 supervisões. Mas, deve-se ressaltar que mesmo com todo o apoio que pudesse ter tido de Werner Kemper, a ascensão psicanalítica não seria possível, se ela não tivesse conseguido pessoalmente, um sucesso terapêutico extraordinário.

Catarina Kemper deve ter sido muito perspicaz e a sua decisiva recusa de agir terapêuticamente conforme as regras, e a importância que dava à maneira individual espontânea de agir e reagir e o fato dela não respeitar uma fronteira nítida entre *setting* terapêutico e a realidade do dia a dia, contribuíram muito, em alguns casos, para o seu surpreendente sucesso terapêutico. Enfim, o seu jeito não convencional agradava. Todas essas características fizeram dela uma analista muito procurada. Ela atraía artistas e intelectuais não convencionais e tinha jeito em lidar com crianças. Também se tornou querida na própria SPRJ pelos seus seminários. Tudo indica que seu temperamento e sua maneira de lidar com a teoria e a terapia contribuíram para isso.

Interessante também, apontar para a descrição contida na tese de doutorado de Nádya Sérgio (Sérgio,1998, pp.334), quanto aparência física da Catarina Kemper. Ela era bonita, alta, olhos azuis, postura ativa e dominante; que até o fim de sua vida, falava o português com sotaque muito forte de alemã; que revelava amor pela natureza, amava as orquídeas em particular e os gatos.

Quando Igor Caruso visitou o Brasil em 1968, ele a procurou em companhia de Malomar Lund Edelweiss, Presidente do Círculo de Psicologia Profunda de Belo-Horizonte. E em entendimento com Caruso e Edelweiss, ela fundou em 1969, junto com alguns alunos no Rio de Janeiro, o “Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro”. Em março de 1970, Catarina Kemper saiu oficialmente da SPRJ. Hoje, o CPRJ homenageia-a dando o nome a sua biblioteca de “Biblioteca Anna Katrin Kemper”.

Também, fundou, em 1973, juntamente com Hélio Pellegrino no Rio de Janeiro, a Clínica Social de Psicanálise, a primeira clínica social de psicanálise do país, onde cada paciente paga segundo suas possibilidades. Apesar de ter funcionado num tempo relativamente curto, contribuiu para marcar o ideário coletivo de existir um tratamento de base psicanalítica direcionado ao atendimento de pessoas de baixa renda. Pioneira no tratamento de crianças psicóticas, combatia a prática de uma terapia cada vez mais tecnicista. Hoje em dia, ambos psicanalistas têm seus nomes emprestados como nomes de ruas, a de Katrin Kemper no Bairro da Taquara no Município do Rio de Janeiro (RJ) e de Hélio Pellegrino no Bairro Moema no Município de São Paulo (SP).

Antecipou em décadas, a polêmica dos anos 2021, de ser a favor a análise conduzida por não médicos, desde que possuíssem formação acadêmica e uma rigorosa formação teórica psicanalítica.

Acabou por defender uma postura clínica psicanalítica, que os pacientes sofriam de carência de amor e menos de necessidade de odiar, logo se deveria evitar uma atmosfera fria e mecânica. Assim, a contratransferência positiva podia justamente, promover uma atmosfera convenientemente calorosa e exprimir dedicação abnegada. Principalmente, quando fosse de psicose, de autismo ou de *borderline*, nos quais o ego desses pacientes estaria fraco, o contato direto e verdadeiro, só se faria por uma forte identificação por parte do analista.

Aqui temos, os trabalhos relacionados da “Biblioteca do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais”:

- 1- “Mecanismos e avaliação da cura em psicoterapia de grupo” – publicado na Revista Estudos de Psicanálise, 01, **1969**.
- 2- “A interpretação por alusão – sua relação com as vivências e comunicações pré-verbais” – publicado na Revista Estudos de Psicanálise, nº 03 – **1970**. Publicado na “*Revue Française de Psychanalyse*”, tome XXIX, 1965.
- 3- “Diferentes formas do silêncio na psicoterapia de grupo” – publicado na Revista Estudos de Psicanálise, nº 04, **1970**
- 4- “Quanto à Idealização – sua determinação primária”. Publicado na Revista Estudos de Psicanálise, nº 05, **1971**.
- 5- “Reações contra-transferenciais de influência decisiva para a comunicação verbal num caso de mutismo de uma criança de 3 a 4 anos” – publicado na Revista

- Estudos de Psicanálise, nº 06-1973. Quanto a um caso apresentado no México em 1962 como Relatório ao V Congresso Psicanalítico Latino-americano.
- 6- “Quanto à importância do desenvolvimento motor da criança pequena – consideração específica sobre a época do engatinhar”. Trabalho apresentado no II Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, Rio de Janeiro, novembro, 1973. Publicado Revista Estudos de Psicanálise, 07, 1975.
  - 7- “Quanto a Agressão – seus aspectos Onto e Filogenéticos, suas manifestações no Processo Psicanalítico”. Publicado na Revista Estudos de Psicanálise, 07, 1975.

FONTES:

- 1- “Uma carreira de psicanalista atípica e contrária às normas: O caso Katrin Kemper”, escrito por Hans Füchtner; resgatado na [www.psychanalyse.lu](http://www.psychanalyse.lu)
- 2- Cópia da Tese de Doutorado de Nádia Maria Sério da Universidade Federal Fluminense de 1998, intitulada “Recolhendo Farrapos”. Biblioteca Werner Walter Kemper da SPRJ.
- 3- Dicionário de Psicanálise de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon – Tradução de Vera Ribeiro *psicanalista*, Lucy Magalhães *letras neolatinas* / Supervisão da edição brasileira: Marco Antônio Coutinho Jorge *psiquiatra e psicanalista ZAHAR Editora* (resenha de Samuel Katz)
- 4- Necrológico “Anna Katrin Kemper – D. Catarina 14.12.1905 – 27.06.78” de Edson Lannes
- 5- Homenagem póstuma a Anna Katrin Kemper, feita por Giovanni Gangemi

FIM